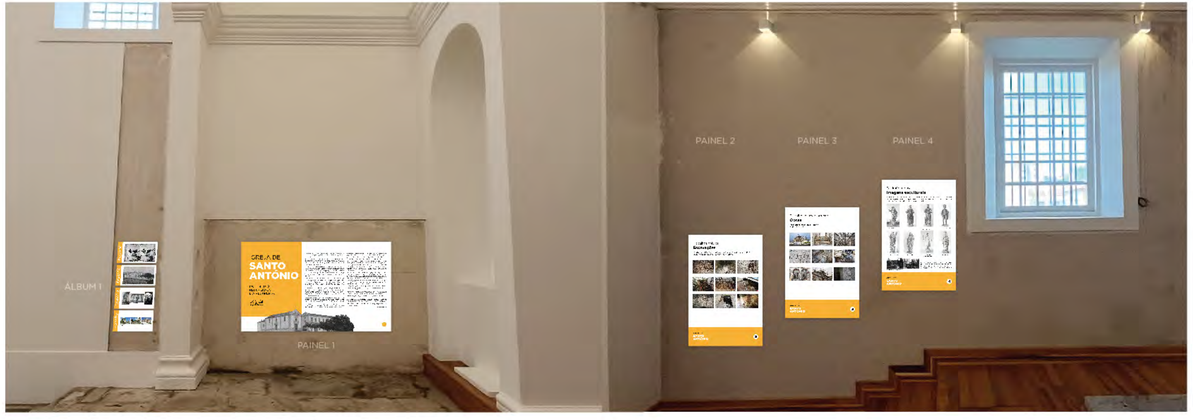
PLACAS A EXPOR NA IGREJA DE SANTO ANTÓNIO PROPOSTA INICIAL

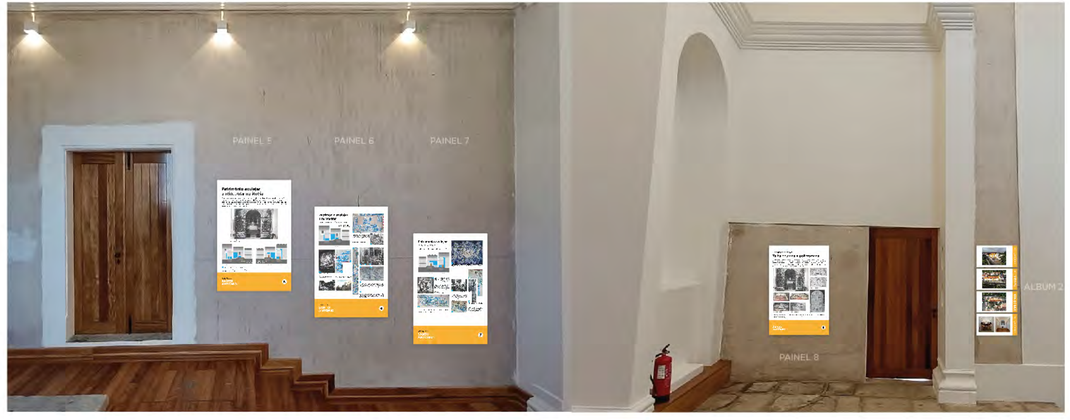
PAREDE POENTE

NAVE | ALTAR

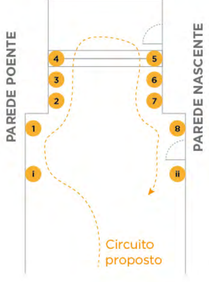


PAREDE NASCENTE

ALTAR | NAVE



PAINEL 1 Síntese histórica do edifício
PAINEL 2 Fotos da escavação
PAINEL 3 Fotos das obras
PAINEL 4 Património móvel: esculturas
PAINEL 5 Introdução aos azulejos
PAINEL 6 Azulejos a recuperar na parede poente
PAINEL 7 Azulejos a recuperar na parede nascente
PAINEL 8 Património móvel: talha dourada
ÁLBUM i Fotos prévias às obras de reconstrução
ÁLBUM ii Fotos após as obras de reconstrução



Impressão em placa de PVC,
a afixar nas paredes
com uma folga de 2 cm

Angra do Heroísmo
CÂMARA MUNICIPAL

IGREJA DE SANTO ANTÓNIO

PATRIMÓNIO RECUPERADO E A RECUPERAR

Angra do Heroísmo
CÂMARA MUNICIPAL

O atual convento de Santo António foi construído no local onde em 1599 se estabeleceu a casa da saúde, à saída leste da cidade, próximo do portão de São Bento, para fazer face à epidemia de Peste que lavrou na Terceira desde abril desse ano, até ao ano seguinte.

Esta casa estava implantada numa herdade pertencente ao sargento-mor Gaspar Freitas da Costa. Nos terrenos da herdade e em outros circundantes, foram sepultados milhares de cadáveres, dos mais de 7000 terceirenses que a Peste matou. Na casa da saúde, refere Maldonado, trabalharam como enfermeiros dois frades capuchos que faziam o que podiam para combater «o mal», prestando também assistência espiritual e dando sepultura aos que faleciam.

Quando a Peste amainou, refere Frei Diogo das Chagas, os dois frades construíram no mesmo local uma espécie de cabana onde celebravam missa e oravam pelos defuntos. Até que tiveram forçosamente de regressar ao Convento, decidindo a Câmara de Angra construir no local uma ermida que lhe desse dignidade, perpetuando a memória dos mortos e do trágico evento. Mas só em 1610 se deu início à construção da ermida. Nesse ano a edilidade fintou os herdeiros das pessoas que faleceram de Peste. Logo se juntou uma boa soma de dinheiro, proveniente de toda a ilha e se decidiu também construir casa de romeiros, já que o local era muito visitado pelos familiares dos falecidos.

O que é certo é que a iniciativa colapsou. Refere Drumond que o projeto era avantajado e depressa consumiu todo o dinheiro e todos os maçames. O mercador angrense Paulo Oliveira foi um dos depositários das oferendas e, condoendo-se do fracasso, resolveu erigir, em alternativa, uma ermida de invocação a São Roque, a qual passou mais tarde a ser cabeça do convento dos recoletos capuchos, com o título de Santo António. Até ao sismo de 1980 se venerou na igreja a imagem da Senhora do Livramento, de grande devoção dos povos, de cuja capela foi fundador André Coelho Martins Fernandes.

Na ilha Terceira, a Província da Capucha decide construir, a meados do séc. XVII, o terceiro mosteiro da Ordem de Santo António dos Capuchos, nos Açores. E aceita a oferta do local onde estava instalada a ermida de São Roque, bem como parte do campo santo, transformado em gigantesco cemitério. O provincial, Frei Mateus da Conceição, recebe a doação em 15 de fevereiro de 1643, do capitão Roque de Figueiredo (que se torna o padroeiro) e a sua consorte, Maria Rebelo, que herdara de seu tio, o capitão e sargento-mor Gaspar de Freitas da Costa, o local onde então existia a ermida de São Roque.

O capitão Roque de Figueiredo conservou o padroado por pouco tempo, já que renunciou na pessoa do capitão João de Ávila, de quem, supostamente, era bom amigo e porque este era rico e não faltaria com a assistência devida ao convento. Roque de Figueiredo exigiu apenas que lhe fosse reservado lugar para jazigo próprio e de seus descendentes, na capela-mor. E assim aconteceu.

Drumond afirma que o capitão João de Ávila, já na qualidade de padroeiro do convento, reclamou de Nicolau de Freitas Figueiredo, a entrega de cinco alqueires de terreno, denominado Copim (hoje conhecido por Copins), onde estavam sepultados milhares de cadáveres da Peste, para que esse terreno fosse respeitado como campo santo e não voltasse a ser cultivado, incorporando-se nos bens do covento. Mas em 1635, o deão Gomes Terra decidiu que o proprietário do terreno podia reutilizá-lo para exploração agrícola. Tal facto foi muito sentido na cidade. Mas não foi único, diz Drumond, porque centenas e centenas de cadáveres foram também sepultados em cerrados, um pouco por todo o lado que pouco depois voltaram a ser cultivados.

No dia 9 de março de 1643, assentava-se a primeira pedra nos alicerces do arco da capela principal, ao mesmo tempo que alguns ossos dos Santos Mártires ali eram depositados como relíquias de grande estima e veneração, assistindo ao ato o mestre provincial que praticou a cerimonia, as autoridades locais, o clero e as corporações religiosas. Tendo este provincial de visitar as outras ilhas de oeste, mandou vir da ilha de São Miguel o padre Fr. Bernardo de Santa Bárbara, para presidir às obras que se estavam fazendo, conferindo ao mesmo tempo, ao guardião do convento de São Francisco, os plenos poderes para que lançasse os hábitos aos noviços que pretendiam recolher-se no novo convento.

Maldonado afirma que a obra começou com tal fervor «que para ela concorrerão esmolas tão crescidas, assim dos maçames de toda a Sorte, como officiais destes e aquelles officios concernentes a ellas que de graça se offerecião, que no dia 14 de Maio dia da Assenção do Senhor se acharão as offecinas, selas e cerca capazes de asistencia dos religiozos; e de facto neste mesmo dia 14 de Maio foi a comonidade dos frades que ali havião ser moradores em prosissão solenissima, que acompanhou o Reverendo Cabido Sed vacante, e mais religiõens recolher se a dita Recoleta e ficou o Senhor por hora na hermida de São Roche, e no dia de Santo António, 13 de Junho do mesmo ano se passou á Capella mor». Assim se organizou o novo convento, ficando Santo António como orago da igreja, e os religiosos pertencendo à ordem primeira dos Menores Observantes, guardando-se a disciplina recoleta.

Maldonado assevera que a brevidade das obras deu mau resultado, de tal forma que em 1668 o edifício teve de ser sujeito a obras de reforço e ampliação, sob a direção do guardião Padre Frei Manuel do Espírito Santo. Os que lhe sucederam no cargo continuaram a edificação de restante convento, com um belo claustro.

Pelos Decretos de 17 de maio de 1832 e de 28 de maio de 1834, ficou extinto e incorporado nos bens nacionais, até ao atual destino. Em 1830 aquartelou-se neste convento a Companhia de Voluntários Académicos, em plena guerra civil que opunha liberais e miguelistas. Depois da contenda, foi aqui instalado o Asilo de Infância Desvalida, pela carta de lei de 27 de fevereiro de 1858, por especial empenho e zelo do governador civil, o conselheiro Nicolau Anastácio de Bettencourt.

O sismo de 1980 abalou violentamente o imóvel. Abandonado, sofreu as agruras do tempo, foi espoliado de algumas peças arquitetónicas e vandalizados os túmulos dos fundadores. A tempo, a Irmandade conseguiu salvar as ossadas que repousam agora no cemitério contíguo do Livramento. Há outras peças importantes guardadas no Museu de Angra do Heroísmo e em armazéns nas proximidades, destacando-se a azulejaria que, a tempo, a Irmandade mandou retirar da capela-mor. Todas estas peças voltarão ao local de origem.

Texto: Victor Alves (2020)

Trabalhos prévios

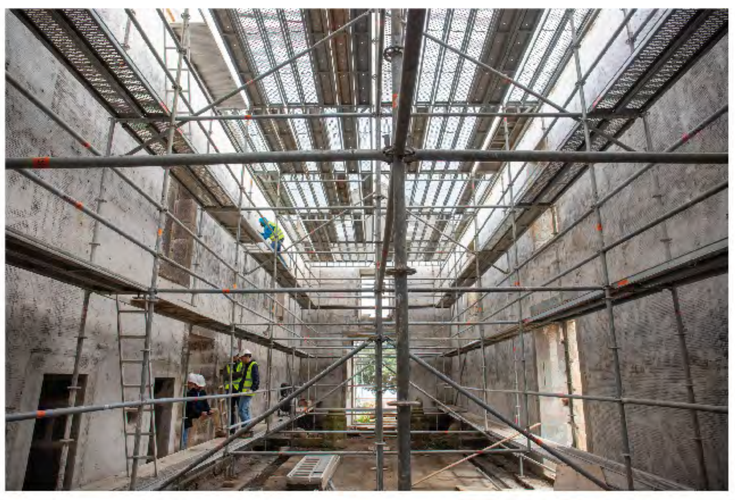
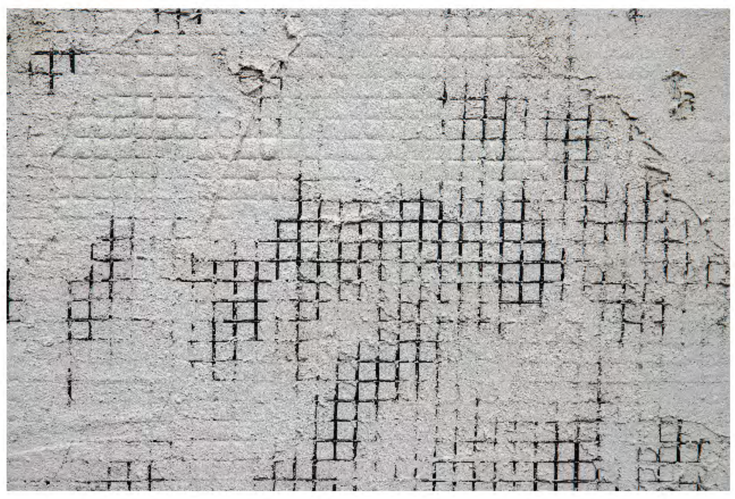
Escavações

Fotografias: Edmundo Diáz Sotelo, Direção Regional da Cultura (2021)
Diretor científico da escavação: Dr. Pedro Parreira

Trabalhos de reconstrução

Obras

Projetista: KK arquitectura e design
Empreiteiro: Citel

Património móvel

Imagens esculturais

Embora estejam inventariadas em livro 23 esculturas, desconhece-se o paradeiro da maior parte. Das oito que hoje se conhecem, sete são vultos de madeira policromada e dourada e uma é de gesso pintado.

N.ª Sr.ª da Assunção

Santo António de Lisboa (?)

Santo franciscano
(sem identificação)

São Roque de Montpellier

N.ª Sr.ª do Livramento

Virgem Maria

Menino Jesus
Salvador do Mundo

N.ª Sr.ª de Fátima

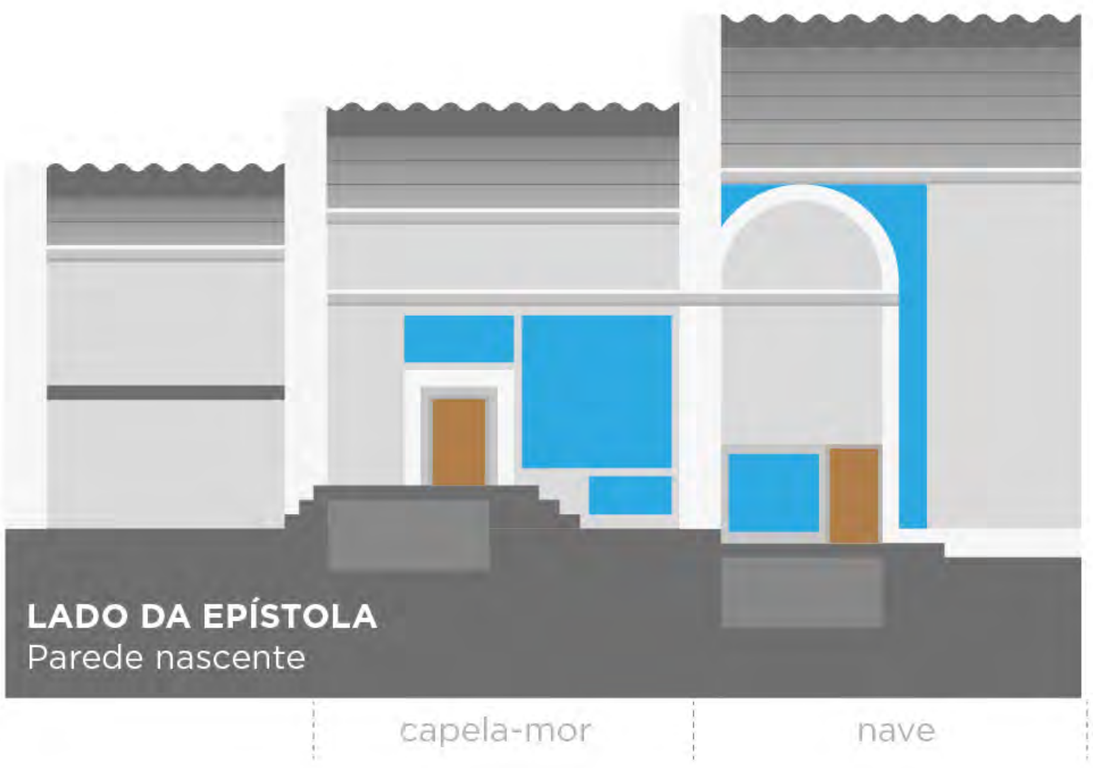
Salvaguarda dos bens da igreja, após o sismo de 1 de janeiro de 1980
Fotos: Arquivo de José Maria Botelho

Fonte: Inventariação do património móvel da Igreja de Nossa Senhora do Livramento - Imagens esculturais, realizado por Marta Inácio, Noélia Garciolo, Paula Cordeiro, Paulo Silveira e Isabel Feijão, com o apoio técnico de José Guedes (fotografia) e Ana Nascimento (História da Arte). Direção Regional da Cultura (2017).

Património azulejar a reintegrar na igreja

Previamente à reconstrução, foi realizado um levantamento do património integrado da Igreja de Santo António (2014-2017) - respetivamente, sobre os seus painéis de azulejos azul e branco do séc. XVIII, retábulo-mor e guarnições de talha dourada e policromada - para que a sua recolocação estivesse acautelada e fosse, a partir de agora, possível.

Aspeto do altar antes da sua degradação
Foto: Paula Cordeiro

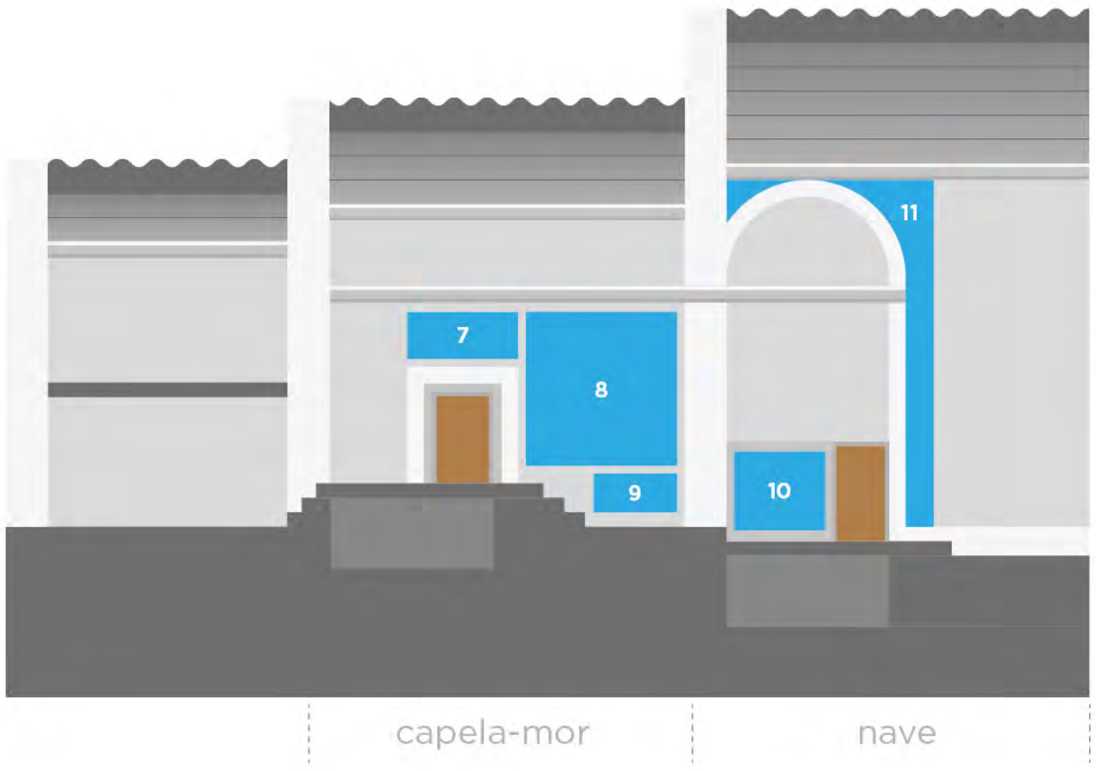


Zonas onde os painéis serão recolocados

Fonte: Igreja de Santo António dos Capuchos - Angra do Heroísmo - Património Integrado existente e a reintegrar na igreja
Direção Regional da Cultura (2021)

Património azulejar
a reintegrar

Lado da epístola (parede nascente)



7

Azulejos setecentistas de pintura azul e branca, com a representação de anjos que seguram uma cartela. Esta é enquadrada por elementos vegetalistas, concheados e grinaldas e rematada por querubim.

Foto: Câmara Municipal de Angra do Heroísmo

8

Azulejos setecentistas de pintura azul e branca, com a representação de uma passagem da vida de São Francisco - São Francisco dando a regra da Ordem - a identificá-la está a legenda «REGVLA FRA TRUM MINOR». O painel encontra-se enquadrado por cercadura de linguagem barroca onde estão representados anjos e cariátides (lateralmente), enquadrados por elementos vegetalistas e fitomórficos, concheados, e elementos estruturais e decorativos (capiteis, frontões, urnas, etc).
Na composição figurativa, com elementos arquitetónicos em *trompel'oil* está representado São Francisco de Assis, sentado numa cadeira de braços, dando a regra da Ordem às restantes figuras que, ajoelhadas, se debruçam sobre o documento. São visíveis os Estigmas na mão esquerda e no pé direito e São Francisco.

Foto: Biblioteca de Arte / Fundação Calouste Gulbenkian

9

Foto: Isabel Feijão / Ana Nascimento / Noélia Garciolo

10

Representa uma composição figurativa de paisagem com enquadramento naturalista. Em primeiro plano vemos dois frades capuchos, um sentado segurando um crucifixo numa mão e um livro (Ordem de São Francisco) na outra; o segundo ajoelhado, as mãos postas segurando um terço, parece estar em oração. Entre os dois ergue-se uma árvore, ainda em primeiro plano.
Em pano de fundo estão representadas estruturas arquitetónicas e barcos, na linha do horizonte montanhas e no céu andorinhas.

Foto: Biblioteca de Arte / Fundação Calouste Gulbenkian

10

Foto: Isabel Feijão / Ana Nascimento / Noélia Garciolo

11

Fotos: Autor desconhecido

Fotos: Isabel Feijão / Ana Nascimento / Noélia Garciolo

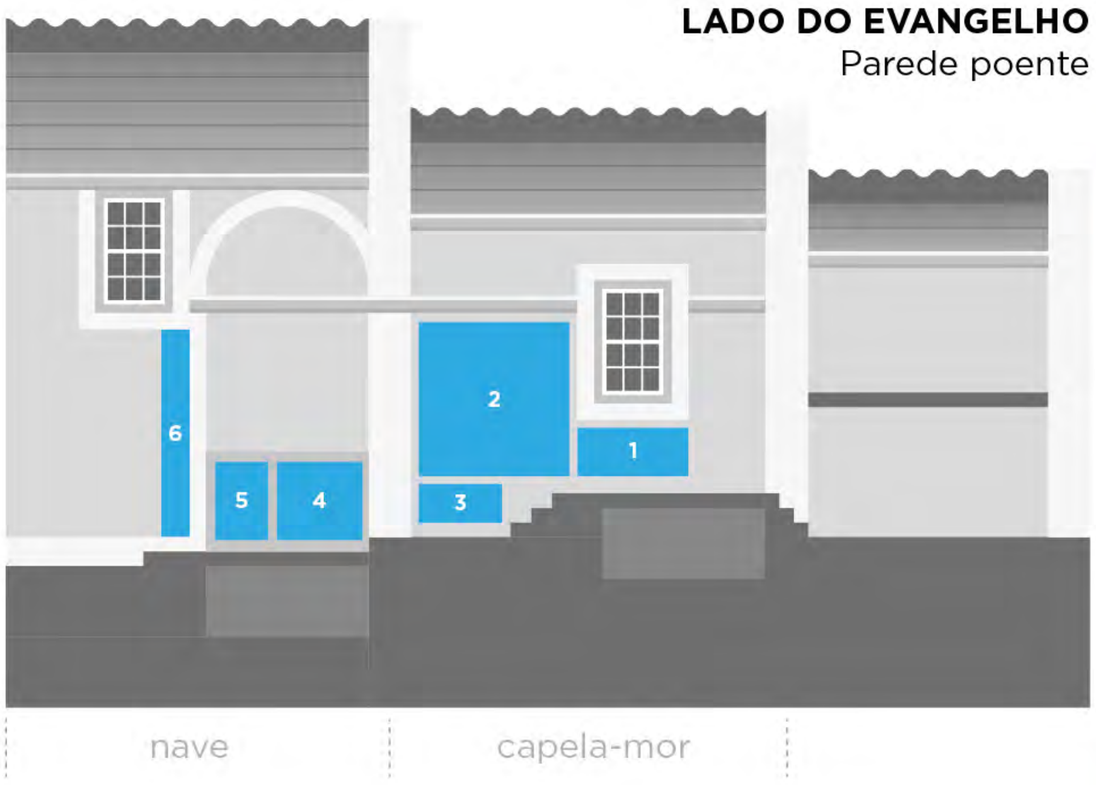
11

Azulejos setecentistas de pintura azul e branca. Representam Nossa Senhora olhando para baixo, sentada numa nuvem com o Menino ao colo, que se debruça para olhar para baixo em direção a Santo António que, de pé, com as mãos ao peito, os olha.
Figuras enquadradas por nuvens e caras de anjos que surgem de entre elas. Cercadura à direita e superior de enrolamentos vegetalistas. A zona do arco no painel é decorada com enrolamentos que fazem a transição para os elementos de talha que aqui existiriam.

Fonte: Inventariação do património azulejar da Igreja de Nossa Senhora do Livramento
Direção Regional da Cultura (2021)

Património azulejar
a reintegrar

Lado do evangelho (parede poente)



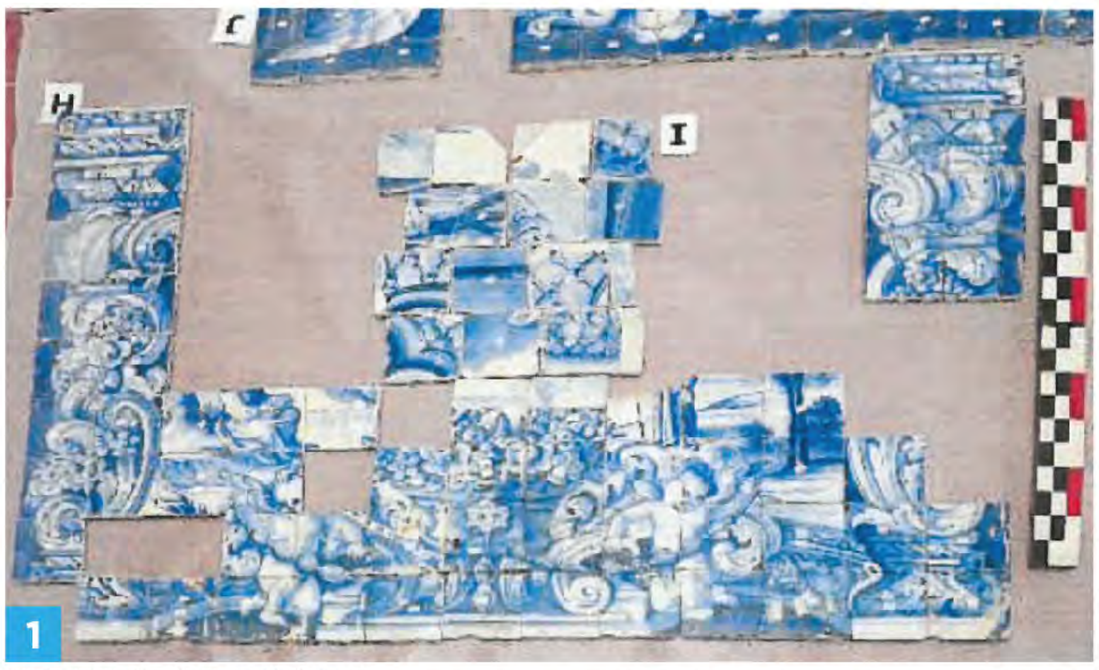


Foto: Isabel Feijão / Ana Nascimento / Noélia Garciolo

Azulejos setecentistas de pintura azul e branca, com a representação de anjos enquadrados por elementos estruturais e vegetalistas, que se dispõem em volta de uma composição figurativa que se adivinha na representação de uma paisagem, de árvores e de uma figura sentada. No entanto, esta já não existia na sua forma original na altura do levantamento feito nos anos 80, tendo sido substituída por um painel com azulejos avulsos de diferentes padrões [assinalado por "I"].

Foto: Autor desconhecido

Foto: Biblioteca de Arte / Fundação Calouste Gulbenkian

Fotos: Isabel Feijão / Ana Nascimento / Noélia Garciolo

Mau estado de conservação. Existência de algumas lacunas nos azulejos existentes e de muitos azulejos fraturados e fissurados. Face aos azulejos existentes os danos encontram-se em 81% do global do painel.

Azulejos setecentistas de pintura azul e branca, de linguagem barroca, com a representação de anjos enquadrados por elementos estruturais e vegetalistas, que se dispõem em volta de uma cartela representado uma cena do quotidiano.

Parede poente do altar-mor (exterior), que ruiu com o sismo de 1980
Foto: Arquivo de José Maria Botelho

Aspeto da mesma parede (interior), antes do início da reconstrução
Foto: Paula Cordeiro

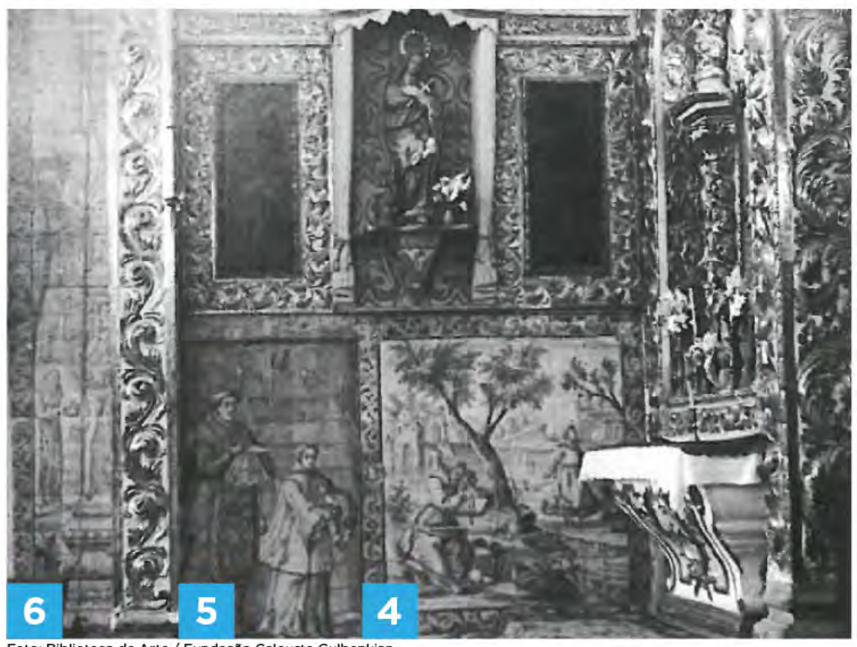


Foto: Biblioteca de Arte / Fundação Calouste Gulbenkian

Fotos: Isabel Feijão / Ana Nascimento / Noélia Garciolo

5

«Do lado do evangelho o painel (...) mostra também frades orantes, mas agora, espelhando a porta fronteira - que dava acesso à sacristia - preencheu-se o espaço com o extraordinário painel cerâmico onde, em tamanho natural, se pintaram as figuras de um sacerdote franciscano precedido do pequeno sacristão - noviço de sandálias - os quais parece saírem para a celebração da missa. Este grupo tem extraordinário encanto e interesse, sendo único no seu género, já que ilustra da maneira mais objectiva a indumentária ritual usada pelos celebrantes franciscanos.»

Fonte: SIMÕES, J. M. S., Azulejaria dos Açores e da Madeira, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1963, pp. 40-41

6

Azulejos setecentistas de pintura azul e branca. Enquadrado à esquerda por cercadura de enrolamentos vegetalistas e à direita por um por um elemento arquitetónico de linguagem rococó. Do que é possível identificar na cena podemos ver uma figura masculina em primeiro plano atrás da qual está um elemento arquitetónico (capela). A cena é enquadrada, em pano de fundo por árvores e andorinhas.

Património móvel

Talha dourada e policromada

Estão inventariados vários conjuntos de talha dourada e policromada, contudo, em geral, encontram-se num mau estado de conservação. Destacam-se o arco do retábulo da capela-mor, o escadório do trono eucarístico, elementos de ligação entre o trono e a mesa de altar, o arco do triunfo, o arco do altar colateral, a mesa de altar da capela-mor e o relicário da sacristia.

Aspeto do altar antes da sua degradação. Foto: Paula Cordeiro

Pormenor do retábulo
Foto: Isabel Feijão / Ana Nascimento / Noélia Garciolo

Pormenor do retábulo
Foto: Isabel Feijão / Ana Nascimento / Noélia Garciolo

Remanescente da mesa da altar
Foto: Isabel Feijão / Ana Nascimento / Noélia Garciolo

Remanescente do embasamento e tramos laterais do retábulo-mor
Foto: Isabel Feijão / Ana Nascimento / Noélia Garciolo

Relicário
Foto: Isabel Feijão / Ana Nascimento / Noélia Garciolo

Remanescente do trono eucarístico
Foto: Isabel Feijão / Ana Nascimento / Noélia Garciolo

Peças não identificadas
Foto: Isabel Feijão / Ana Nascimento / Noélia Garciolo

Fonte: Inventariação do património móvel em talha dourada e policromada da Igreja de Nossa Senhora do Livramento, realizado por Marta Inácio, Noélia Garciolo, Paula Cordeiro, Paulo Silveira e Isabel Feijão, com o apoio técnico de José Guedes (fotografia) e Ana Nascimento (História da Arte)
Direção Regional da Cultura (2017)

PASSADO

AZORES, MADEIRA and PORTUGAL
DA DO LIVRAMENTO TERCEIRA
Copyright, 1897, by M. Gabriel, New Bedford, Mass.
ACORES, MADEIRA E PORTUGAL

PASSADO

Álbum Açoriano (1903)

PASSADO

Foto: Arquivo de Paulo Mendonça (década de 1980)

Foto: Arquivo de Paulo Mendonça (década de 1980)

Foto: Arquivo de José Maria Botelho (década de 1980)

PASSADO

Sistema de Informação para o Património Arquitectónico
Fotos: Paula Noé (2010)

Foto: Paulo Mendonça (2018)

PRESENTE

PRESENTE

PRESENTE

PRESENTE